

O futuro da profissão de contabilista na Era da Inteligência Artificial: automação, ética e reconfiguração do trabalho

/// *Maria Miguel Campos de Melo Baptista de Abreu*

2210524@iscap.ipp.pt

<https://orcid.org/0009-0000-6992-6926>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

Resumo

A expansão do uso da Inteligência Artificial na contabilidade e auditoria é frequentemente apresentada como uma ameaça às profissões baseadas em tarefas rotineiras, mas a literatura aponta para uma transformação mais complexa do que a sua substituição. O presente artigo defende que a profissão de contabilista não está em extinção, sendo antes profundamente transformada pela automação de tarefas e pela reconfiguração do trabalho para funções analíticas e de apoio à decisão. A Inteligência Artificial desloca o valor do processamento para a gestão de informação e mediação entre dados e decisões, exigindo um papel ativo na supervisão ética e na validação de sistemas. Esta evolução implica requalificação contínua, integrando competências técnicas, interpessoais e de comunicação estratégica, redefinindo o contabilista como consultor de confiança.

Palavras-chave: Inteligência Artificial, Contabilidade, Profissão, Automação, Ética.

Abstract

The expanding use of Artificial Intelligence in accounting and auditing is frequently presented as a threat to professions based on routine tasks, yet literature points to a transformation far more complex than mere substitution. This article argues that the accounting profession is not facing extinction but is rather being profoundly transformed by the automation of tasks and the reconfiguration of work toward analytical functions and decision support. Artificial Intelligence shifts value from data processing to information management and the mediation between data and decisions, demanding an active role in ethical oversight and systems validation. This evolution requires continuous reskilling, integrating technical, interpersonal and strategic communication competencies, ultimately redefining the accountant as a trusted advisor.

Keywords: Artificial Intelligence, Accounting, Profession, Automation, Ethics.

Introdução

A digitalização, a análise de dados e a Inteligência Artificial (IA) estão a transformar a forma como as organizações capturam, processam e utilizam a informação (Saleem et al., 2023). Na contabilidade e auditoria, estas tecnologias têm sido associadas à automatização de tarefas como o registo, reconciliação, classificação, preparação de relatórios e análise de transações e riscos (Holmes & Douglass, 2022).

Para além do aumento na eficiência, a literatura destaca desafios mais complexos, nomeadamente dilemas éticos relacionados com a privacidade, enviesamentos, transparência, responsabilidade, bem como riscos para a confiança quando as decisões são suportadas por sistemas opacos (Lehner et al., 2022). O debate oscila entre narrativas de substituição do trabalho humano e as visões que reduzem a IA a ganhos incrementais (Greenman, 2017). No entanto, a evidência empírica descreve uma posição intermédia, que afirma que, à medida que a automação assume mais tarefas, o trabalho humano continua necessário em áreas que exigem análise e interpretação (Leitner-Hanetseder et al., 2021).

Pretendendo superar a visão de que o homem e a máquina estão em lados opostos, o contributo original deste artigo reside na proposta de uma união equilibrada entre as pessoas e a tecnologia (Leitner-Hanetseder et al., 2021). Demonstra-se que o verdadeiro valor acrescido do profissional não emana da competição com o algoritmo, mas sim da capacidade de exercer uma governação crítica sobre este, estruturando uma simbiose onde a precisão preditiva da tecnologia é balizada pelo discernimento ético humano (Leitner-Hanetseder et al., 2021).

O presente artigo sustenta que a profissão de contabilista não estará em vias de extinção, mas a sua subsistência é profundamente transformada pela IA nos domínios da automação operacional e da reconfiguração do conteúdo do trabalho. A incorporação de sistemas de IA desloca o valor do trabalho das rotinas de processamento para funções analíticas e de apoio à decisão, exigindo que o contabilista assuma um papel crítico na supervisão ética e validação da integridade dos sistemas algorítmicos. Por consequência, esta evolução implica uma requalificação contínua que transcende o domínio técnico, integrando competências interpessoais e de comunicação estratégica, redefinindo a identidade do profissional: de um executor de procedimentos para um gestor de informação e consultor de confiança, responsável por humanizar e contextualizar os dados na relação com as organizações e indivíduos.

Impacto da Automação

Da Automação Mecânica à Inteligência Artificial na Contabilidade

A evolução conceptual e técnica da IA fundamenta-se no desenvolvimento de sistemas capazes de simular faculdades humanas como a aprendizagem, o raciocínio lógico e a tomada de decisão preditiva (Damerji & Salimi, 2021). No plano geral das ciências da computação, a IA subdivide-se entre sistemas baseados em conhecimento dedutivo, estruturados por regras lógicas fixas, e abordagens indutivas ancoradas em *Machine Learning* (ML), onde algoritmos extraem padrões diretamente de dados massivos e não estruturados (Yi et al., 2023). Quando esta tecnologia é transposta especificamente para o domínio da contabilidade, o foco da IA deixa de ser a mera computação estatística geral e passa a focar-se na automatização e otimização dos fluxos de informação financeira e na modelação de riscos de negócio (Saleem et al., 2023).

A automação na contabilidade não surge de forma repentina, mas como resultado de uma evolução gradual ao longo do tempo. Já os sistemas de informação contabilística introduziam

algum nível de automatização, ainda que de forma mais limitada (Greenman, 2017). O que distingue o momento atual é sobretudo a capacidade da IA para trabalhar com grandes volumes de dados, identificar padrões e apoiar decisões com um grau de autonomia que não existia anteriormente (Yi et al., 2023).

Saleem et al. (2023) mostram que a combinação entre *Big Data* e a IA tem contribuído, não só para aumentar a eficiência dos processos, mas também para melhorar a qualidade do relato financeiro. A utilização de técnicas como *Natural Language Generation* permite, por exemplo, automatizar a produção de relatórios, enquanto os algoritmos de análise de dados ajudam a reduzir erros e inconsistências.

Leitner-Hanetseder et al. (2021) explicam que têm surgido sistemas contabilísticos cada vez mais autónomos, capazes de tratar informação complexa e apoiar diretamente quem toma decisões. Isto mostra a mudança importante que é a tecnologia deixar de ser apenas um apoio e passar a participar ativamente nos próprios processos contabilísticos

Além disso, tecnologias como o *Robotic Process Automation* (RPA) e o ML têm vindo a substituir tarefas repetitivas e bem estruturadas, como mostram Holmes e Douglass (2022). Estas tarefas, por serem simples e previsíveis, são as que têm maior probabilidade de serem automatizadas (Stancheva-Todorova, 2018).

Como exemplo prático desta transição profunda, empresas globais como a KPMG e a *PricewaterhouseCoopers* (PwC) implementaram plataformas analíticas avançadas (como as ferramentas de inteligência analítica *Halo* e parcerias com sistemas cognitivos como o *IBM Watson*) destinadas à análise integral de registos e diários contabilísticos (Damerji & Salimi, 2021). Em vez de realizarem testes baseados em amostragem estatística humana, estes sistemas analisam instantaneamente a totalidade das transações do livro razão, identificando de forma autónoma desvios operacionais ou anomalias fiscais (Damerji & Salimi, 2021; Institute of Chartered Accountants in England and Wales, 2017). Esta transformação não implica, necessariamente, a eliminação de funções. Em muitos casos, o que se verifica é antes um reposicionamento do trabalho, que passa a centrar-se mais em atividades que exigem interpretação, análise crítica e julgamento profissional, alterando o papel tradicional do contabilista (Coman et al., 2022).

Reconfiguração de tarefas por perfil profissional

A transformação do trabalho contabilístico não ocorre de forma uniforme entre todos os perfis, sendo particularmente visível nos níveis mais operacionais. Nos perfis mais técnicos, como o de assistentes contabilísticos, tem-se vindo a verificar uma redução de tarefas mais manuais (Leitner-Hanetseder et al., 2021). O registo de faturas, as reconciliações bancárias ou a classificação de documentos são, cada vez mais realizados de forma automática recorrendo a tecnologias como o *Optical Character Recognition* (OCR) e algoritmos de ML (Leitner-Hanetseder et al., 2021).

Perante esta mudança, o papel do profissional deixa de estar centrado na execução rotineira e aproxima-se de funções mais ligadas à supervisão dos sistemas, à validação de resultados e à intervenção em situações excecionais. Já no caso do contabilista financeiro, a mudança assume contornos diferentes. Apesar de parte das tarefas ser automatizada, a responsabilidade pela conformidade e pela qualidade das demonstrações financeiras continua a recair sobre o profissional (Coman et al., 2022). Uma análise rigorosa e crítica deste cenário revela uma contradição inerente (Holmes & Douglass, 2022). Embora a automação prometa mitigar o erro mecânico, acentua o risco de atrofia cognitiva e de uma aceitação passiva na tecnologia (Zhang et al., 2023). Sob este efeito, o profissional pode ser facilmente induzido a aceitar os resultados do software sem questionar a validade conceptual dos lançamentos. Isto implica não só compreender o funcionamento dos sistemas utilizados, mas também avaliar criticamente os seus *outputs* e assegurar o

cumprimento das normas contabilísticas, o que reforça a dimensão analítica do seu papel (Lehner et al., 2022).

Na contabilidade de gestão, a evolução é ainda mais evidente. O *controller* deixa progressivamente de ser apenas um produtor de informação para assumir um papel mais próximo do parceiro de negócio (Coman et al., 2022). Com o apoio de ferramentas de análise avançada, passa a contribuir diretamente para a tomada de decisão. Yi et al. (2023) demonstram que a IA permite identificar padrões complexos e melhorar previsões, o que valoriza a capacidade de interpretar dados e transformá-los em informação útil para a gestão.

Assim, a automação não conduz à eliminação das funções, mas antes à sua reconfiguração (Greenman, 2017). O foco desloca-se de tarefas operacionais para atividades de maior valor acrescentado, aumentando a exigência de competências analíticas, críticas e estratégicas por parte dos profissionais (Stancheva-Todorova, 2018).

Impacto da Inteligência Artificial no trabalho contabilístico: Transformação do emprego e das competências

A relação entre a IA e o emprego na contabilidade revela-se mais complexa do que uma simples lógica de substituição (Greenman, 2017). Embora seja evidente que algumas tarefas estão a ser automatizadas, isso não significa, propriamente, a eliminação da profissão (Coman et al., 2022).

De acordo com Saleem et al. (2023), à medida que determinadas funções são reduzidas, surgem, simultaneamente, novas oportunidades, nomeadamente em áreas como a auditoria tecnológica, a consultoria ou o desenvolvimento e acompanhamento de sistemas. Esta dinâmica aponta mais para um processo de transformação do que para um desaparecimento do trabalho contabilístico. No mesmo sentido, Greenman (2017) evidencia que o emprego na área continua a apresentar crescimento, contrariando previsões mais pessimistas. Isto sugere que a evolução tecnológica não reduz apenas funções, mas também cria necessidades, sobretudo ao nível da análise, controlo e interpretação da informação.

Por outro lado, Celestin e Vanitha (2020) demonstram que a IA não apresenta vantagens claras face ao desempenho humano em tarefas de natureza estratégica, reforçando a importância do contabilista em funções que exigem análise, tomada de decisão e interação com clientes. Em termos práticos, este fenómeno reflete-se na redefinição das carreiras nas grandes redes de auditoria (*Big Four*), onde assistentes recém-licenciados já não passam os primeiros anos em tarefas burocráticas de conferência de arquivo físico (Damerji & Salimi, 2021). Estes profissionais são integrados de imediato em equipas multidisciplinares de análise de risco e interpretação de desvios operacionais preditivos gerados pelas plataformas (Leitner-Hanetseder et al., 2021). Simultaneamente, esta transformação tecnológica implica uma redefinição das competências exigidas aos profissionais. Stancheva-Todorova(2018) destaca a relevância de competências técnicas, como a análise de dados, estatística e aprendizagem automática, mas sublinha que estas devem ser complementadas por capacidades como o pensamento crítico, a comunicação e a interpretação da informação.

Neste contexto, Coman et al. (2022) referem que o contabilista passa a assumir um papel mais ativo na tomada de decisão, exigindo não apenas o domínio técnico, mas também a capacidade de contextualizar os dados e transformá-los em informação útil para a gestão. Observa-se uma tendência para automatizar tarefas de menor valor acrescentado, enquanto funções associadas à análise e ao apoio estratégico ganham relevância (Saleem et al., 2023).

Inteligência Artificial, análise e tomada de decisão

A utilização de IA permite aumentos relevantes em termos de eficiência e qualidade da informação. Estas tecnologias possibilitam análises em tempo real e a deteção de anomalias com maior precisão, reforçando a capacidade de monitorizar operações de forma contínua (Saleem et al., 2023).

Mesmo assim, estes benefícios não eliminam a necessidade de julgamento humano. Tarefas como a avaliação de estimativas ou a análise de risco continuam a depender do ceticismo profissional, mesmo em contextos fortemente automatizados (Munoko et al., 2020). Além disso, depender cada vez mais de sistemas automáticos levanta dúvidas sobre quem é responsável pelas decisões e até sobre a compreensão dos próprios processos. Lehner et al. (2022) alertam que pode ser arriscado tomar decisões com base em sistemas cuja lógica não é totalmente clara, o que pode dificultar a atribuição de responsabilidades em caso de erro ou dano (Lehner et al., 2022).

Ética, supervisão e responsabilidade na utilização da Inteligência Artificial

A utilização de IA na auditoria levanta um conjunto alargado de desafios éticos (Munoko et al., 2020). Os autores identificam riscos relacionados com a privacidade e a proteção de dados, enviesamentos algorítmicos, falta de transparência, défice de responsabilização, independência do auditor e impactos na qualidade da auditoria. De acordo com Lehner et al. (2022), estes desafios podem ser organizados em cinco dimensões principais: objetividade, privacidade, transparência, *accountability* e confiabilidade, dimensões que tendem a intensificar-se à medida que decisões mais relevantes passam a ser automatizadas.

Zhang et al. (2023), no contexto da contabilidade de gestão, evidenciam preocupações semelhantes, nomeadamente ao nível da segurança dos dados, da responsabilidade pelo uso de sistemas, das desigualdades no acesso à tecnologia e da transparência dos modelos. Segundo Schweitzer (2024), esta perspetiva é reforçada quando se destacam problemas como decisões enviesadas, opacidade dos sistemas e dificuldades em identificar responsáveis quando os resultados são incorretos. Do ponto de vista normativo europeu, estes riscos ganharam um enquadramento legal vinculativo com o *AI Act* (Regulamento da Inteligência Artificial da União Europeia), promulgado em 2024 (Barros, 2024). Esta legislação inovadora introduz uma abordagem baseada em níveis de risco para salvaguardar os direitos fundamentais e a transparência. No ecossistema contabilístico e financeiro, os sistemas algorítmicos aplicados à avaliação de solvabilidade corporativa, concessão de crédito ou deteção automatizada de infrações criminais e branqueamento de capitais tendem a ser enquadrados como sistemas de alto risco (Barros, 2024). Isto impõe obrigações estritas de registo detalhado das decisões algorítmicas, auditoria de dados de treino contra enviesamentos e, obrigatoriamente, mecanismos de supervisão por pessoas naturais (Barros, 2024), transformando o contabilista no supervisor humano direto exigido por lei. Face a estes desafios, Saleem et al. (2023) defendem a necessidade de uma governação bem estruturada, com regras éticas claras, sistemas de segurança robustos, mecanismos de redução de enviesamentos e maior transparência nos processos de decisão. Assim, a IA não muda apenas as tarefas, mas também torna mais importante o papel do contabilista na supervisão ética e na validação dos sistemas (Schweitzer, 2024).

Neste contexto, o contabilista passa a ter um papel central como responsável por garantir o uso ético da tecnologia e por gerir os riscos associados (Munoko et al., 2020). Segundo Schweitzer (2024), os profissionais devem compreender bem as implicações da IA e atuar para reduzir os riscos relacionados com a privacidade, enviesamentos e falta de transparência. De acordo com Munoko et al. (2020), os auditores devem analisar

criticamente a qualidade dos dados, a clareza das decisões automatizadas e os impactos da automação na independência e no ceticismo profissional.

Por fim, Zhang et al. (2023) evidenciam que a adoção de IA coloca os profissionais perante tensões entre eficiência e equidade, exigindo a conciliação de interesses de diferentes *stakeholders*. Assim, o profissional torna-se um mediador essencial entre tecnologia e organização, responsável por interpretar e contextualizar a informação gerada pelos sistemas (Lehner et al., 2022).

Educação e competências na era da Inteligência Artificial

A crescente utilização da IA na contabilidade tem mostrado que existe um desfasamento entre aquilo que se faz na prática e o que ainda é lecionado nas escolas (Holmes & Douglass, 2022). Os autores defendem que muitos profissionais, sobretudo em grandes empresas, acreditam que os currículos devem mudar e incluir mais conteúdos ligados a dados e tecnologias digitais. No entanto, o ensino continua a resistir a essa utilização, dando pouca atenção a áreas como gestão e tratamento de dados, o que aumenta a distância entre a formação e as necessidades reais do mercado de trabalho.

Por outro lado, Hsiao e Han (2023) demonstram que os estudantes universitários reconhecem a importância das competências em análise de dados e IA para a sua empregabilidade, valorizando o contacto com estas ferramentas ainda durante a formação. Ainda assim, muitos continuam preocupados com a possível perda de empregos e com a redução da componente humana do trabalho. Neste sentido, Damerji e Salimi (2021) alertam que a falta de conteúdos sobre IA e análise de dados pode deixar recém-licenciados menos preparados para as expectativas de organizações cada vez mais tecnológicas.

Torna-se, por isso claro que é necessário desenvolver um conjunto mais amplo de competências. Stancheva-Todorova (2018) destaca a importância de competências técnicas como análise de dados, estatística, aprendizagem automática e controlo de qualidade da informação, além de noções básicas de programação. Todavia, a autora reforça que estas competências devem ser acompanhadas de capacidades como pensamento crítico, comunicação, apresentação e liderança, refletindo a evolução da profissão para funções mais estratégicas.

Segundo Coman et al. (2022), a digitalização mudou de forma significativa o perfil do contabilista, que deixa de se focar apenas no registo de transações e passa a desempenhar um papel mais ativo na análise e apoio à decisão. Além do investimento em tecnologia, os autores destacam a importância da adaptação das organizações e do desenvolvimento de competências humanas.

Por fim, relatórios profissionais, como o da Institute of Chartered Accountants in England and Wales (2017), indicam que os contabilistas estão bem posicionados para trabalhar com IA, mas terão de assumir novas responsabilidades, como treinar e testar modelos, auditar algoritmos e integrar os resultados nos processos de gestão. Neste contexto, o pensamento crítico e a comunicação tornam-se competências ainda mais essenciais para o mercado de trabalho no momento corrente.

Discussão

A análise desenvolvida ao longo do artigo sugere que a introdução de IA na contabilidade não provoca uma substituição linear da profissão, mas uma reconfiguração profunda das tarefas e dos papéis do contabilista (Coman et al., 2022). A automação de rotinas de registo, reconciliação e verificação confirma que tecnologias como o RPA e o ML capturam sobretudo atividades estruturadas, repetitivas e baseadas em regras (Holmes & Douglass, 2022). Ao

mesmo tempo, observa-se uma deslocação do trabalho humano para funções de supervisão dos sistemas, validação de resultados e resolução de exceções, sobretudo nos níveis mais operacionais (Leitner-Hanetseder et al., 2021).

Nos perfis de assistente contabilístico, as tarefas manuais de lançamento de documentos, classificação e reconciliação bancária são progressivamente substituídas por sistemas que utilizam OCR e algoritmos de ML para extrair e registar dados (Leitner-Hanetseder et al., 2021). Em vez de executar mecanicamente estas operações, o profissional passa a monitorizar alertas e intervir em situações atípicas. Esta realidade é consistente com a ideia de que a automação reduz o peso relativo do “processamento” humano, mas não elimina a necessidade de julgamento e controlo profissional (Stancheva-Todorova, 2018).

No caso do contabilista financeiro, a mudança é mais qualitativa do que quantitativa. Mesmo quando grande parte do fecho é automatizado, a responsabilidade pela conformidade e pela fiabilidade das demonstrações financeiras continua a recair sobre o profissional (Coman et al., 2022). Isto implica compreender o funcionamento dos sistemas e garantir que a informação está alinhada com as normas contabilísticas (Greenman, 2017).

A literatura sobre emprego confirma que a relação entre IA e futuro da profissão é mais complexa do que o discurso do “fim da contabilidade”, como sugere (Greenman, 2017). Embora exista um risco acrescido para funções centradas em tarefas de baixo valor acrescentado, surgem oportunidades em domínios como a auditoria tecnológica, a consultoria e o desenvolvimento e acompanhamento de sistemas (Saleem et al., 2023). Esta dinâmica indica um processo de transformação do trabalho contabilístico, mais do que um desaparecimento da profissão (Celestin & Vanitha, 2020).

A transformação do conteúdo do trabalho está articulada com uma mudança nas competências exigidas. Stancheva-Todorova (2018) destaca que a profissão passa a requerer, não apenas o domínio de princípios contabilísticos, mas também capacidades em análise de dados, estatística, aprendizagem automática e controlo de qualidade da informação. Em paralelo, sublinha a importância de competências transversais, como pensamento crítico e comunicação (Stancheva-Todorova, 2018). Neste quadro, o contabilista torna-se um mediador entre a linguagem técnica dos sistemas e as necessidades de decisão da organização (Coman et al., 2022).

A dimensão ética surge como eixo central nesta discussão. Munoko et al. (2020) identificam, no contexto da auditoria, riscos associados à privacidade, enviesamentos algorítmicos, opacidade dos sistemas e enfraquecimento do ceticismo profissional. Lehner et al. (2022) estruturam estes desafios em cinco dimensões: objetividade, privacidade, transparência, *accountability* e confiabilidade, e argumentam que estes se intensificam quando decisões relevantes são apoiadas por algoritmos. Na contabilidade de gestão, (Zhang et al., 2023) mostram que a adoção de IA levanta questões adicionais sobre segurança de dados, desigualdades no acesso à tecnologia e responsabilidade pelo uso dos sistemas. Estes estudos convergem na ideia de que o contabilista deve assumir um papel ativo na supervisão ética da tecnologia (Schweitzer, 2024).

A literatura sobre educação e formação reforça que esta transformação não é automática. Holmes e Douglass (2022) mostram que existe um desfasamento entre a rapidez com que as empresas adotam tecnologias digitais e a capacidade dos currículos de contabilidade para integrarem temas como análise de dados, sistemas de informação e ética digital. Hsiao e Han (2023) evidenciam que estudantes reconhecem a importância de competências em análise de dados e IA para a sua empregabilidade, mas mantêm receios quanto à substituição de empregos e à perda de contacto humano no trabalho. Damerji e Salimi (2021) acrescentam que a predisposição para adotar IA em contabilidade depende das perceções de utilidade e facilidade de uso, sublinhando a necessidade de experiências formativas concretas com estas tecnologias.

Uma síntese crítica do corpo de literatura revela que a subsistência da profissão exige soluções urgentes e coordenadas em duas frentes político-institucionais. No plano regulatório, as ordens profissionais e reguladores estatais devem alinhar os códigos deontológicos com as disposições do *AI Act* (Barros, 2024), forçando a obrigatoriedade da prestação de contas e de registo dos sistemas de risco elevado no setor financeiro. No plano educativo, urge uma reformulação curricular das instituições de ensino que supere a resistência académica apontada por (Holmes & Douglass, 2022). As universidades têm de implementar políticas que introduzam metodologias de aprendizagem prática ativa baseadas em cenários reais de auditoria algorítmica e curadoria de dados, garantindo que os novos profissionais adquirem a literacia indispensável à empregabilidade (Damerji & Salimi, 2021; Hsiao & Han, 2023).

Em conjunto, estas contribuições permitem interpretar o *claim* central deste artigo à luz da evidência disponível. A profissão de contabilista não se encontra numa trajetória de extinção, mas enfrenta uma transformação estrutural marcada pela automação de tarefas rotineiras, pela centralidade de funções analíticas e de apoio à decisão e pela necessidade de assumir responsabilidades éticas acrescidas na utilização de sistemas inteligentes (Coman et al., 2022). O risco maior não é a eliminação total do trabalho contabilístico, mas a criação de clivagens entre profissionais que acompanham esta transição e aqueles que permanecem ancorados em modelos centrados apenas na execução de procedimentos (Holmes & Douglass, 2022).

Conclusão

A IA não coloca a profissão de contabilista em vias de extinção, mas reconfigura profundamente o seu conteúdo, deslocando o valor do trabalho das rotinas de processamento para funções analíticas, interpretativas e de apoio à decisão (Greenman, 2017). A incorporação de sistemas inteligentes exige que o contabilista assuma um papel crítico na supervisão ética e na validação da integridade dos sistemas algorítmicos, bem como na mediação entre dados e contexto organizacional (Lehner et al., 2022).

Os estudos revistos mostram que a automação aumenta a vulnerabilidade de funções operacionais, ao mesmo tempo que cria oportunidades em domínios que combinam competências técnicas e estratégicas, como auditoria tecnológica, consultoria e governação de sistemas (Saleem et al., 2023). Este movimento reforça a relevância de funções analíticas e consultivas, alinhando-se com a ideia de que o contabilista passa de executor de procedimentos para consultor de confiança (Coman et al., 2022). Para que esta transição não aprofunde desigualdades, será necessário investir em requalificação contínua e em políticas educativas que articulem melhor o ensino com as exigências da prática (Holmes & Douglass, 2022).

Em síntese, a evidência empírica suporta o *claim* defendido de que a profissão de contabilista não está em extinção, mas é profundamente transformada pela IA (Leitner-Hanetseder et al., 2021). O futuro da profissão dependerá, não apenas da evolução tecnológica, mas sobretudo da capacidade de profissionais, organizações e entidades reguladoras adotarem estratégias de formação, governação e ética que consolidem o papel do contabilista como mediador entre sistemas inteligentes e responsabilidade humana (Zhang et al., 2023).

Declaração de uso de IA

Durante a elaboração deste artigo, a autora utilizou a ferramenta *Gemini* para reestruturação das frases, aperfeiçoamento gramatical. Todo o conteúdo gerado foi submetido a uma análise crítica, sendo revisto, validado e complementado pela autora, garantindo o seu rigor conceptual e a sua conformidade com princípios éticos e científicos.

Referências

- Barros, G. O. de. (2024, 2 de agosto). *Regulamentação da Inteligência Artificial na União Europeia: Uma análise do AI Act*. Gabinete de Estratégia e Estudos.
<https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/estudos-e-seminarios/artigos/10243-gee-em-analise-regulamento-da-inteligencia-artificial/file>
- Celestin, M., & Vanitha, N. (2020). AI vs Accountants: Will artificial intelligence replace human number crunchers? In *Proceeding of the Indo American Multidisciplinary Web Conference on Arts, Science, Engineering and Technology* (IAMWCASET 2020 Proceedings) (pp. 117–124). Sidhartha Educational and Research Federation.
- Coman, D. M., Ionescu, C. A., Duică, A., Coman, M. D., Uzla, M. C., Stănescu, S. G., & State, V. (2022). Digitization of accounting: The premise of the paradigm shift of role of the professional accountant. *Applied Sciences*, 12(7), 3359.
<https://doi.org/10.3390/app12073359>
- Damerji, H., & Salimi, A. (2021). Mediating effect of use perceptions on technology readiness and adoption of artificial intelligence in accounting. *Accounting Education*, 30(2), 107–130. <https://doi.org/10.1080/09639284.2021.1872035>
- Greenman, C. (2017). Exploring the impact of artificial intelligence on of the accounting profession. *Journal of Research in Business, Economics and Management*, 8(3), 1451-1454.
<https://www.scitecresearch.com/journals/index.php/jrbem/article/view/1063>
- Holmes, A. F., & Douglass, A. (2022). Artificial intelligence: Reshaping the accounting profession and the disruption to accounting education. *Journal of Emerging Technologies in Accounting*, 19(1), 53–68. <https://doi.org/10.2308/JETA-2020-054>
- Hsiao, D., & Han, L. (2023). The impact of data analytics and artificial intelligence on the future accounting profession: Perspectives from accounting students *Journal of Theoretical Accounting Research*, 19(1), 70.
- Institute of Chartered Accountants in England and Wales. (2017, 27 de junho). Artificial intelligence and the future of accountancy. ICAEW.
<https://www.icaew.com/technical/technology/artificial-intelligence/artificial-intelligence-the-future-of-accountancy>
- Lehner, O. M., Ittonen, K., Silvola, H., Ström, E., & Wührleitner, A. (2022). Artificial intelligence-based decision-making in accounting and auditing: ethical challenges and normative thinking. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 35(9), 109–135. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-09-2020-4934>
- Leitner-Hanetseder, S., Lehner, O. M., Eisl, C., & Forstenlechner, C. (2021). A profession in transition: actors, tasks and roles in AI-based accounting. *Journal of Applied Accounting Research*, 22(3), 539–556. <https://doi.org/10.1108/JAAR-10-2020-0201>
- Munoko, I., Brown-Liburd, H. L., & Vasarhelyi, M. (2020). The ethical implications of using artificial intelligence in auditing. *Journal of Business Ethics*, 167, 209–234.
<https://doi.org/10.1007/s10551-019-04407-1>
- Saleem, I., Abdeljawad, I., & Nour, A. I. (2023). Artificial intelligence and the future of accounting profession: Implications and challenges. In A. Hannon & A. Mahmood (Eds.), *Artificial intelligence, internet of things, and Society 5.0* (Studies in Computational Intelligence, Vol. 1113, pp. 327–336). Springer.
https://doi.org/10.1007/978-3-031-43300-9_27

- Schweitzer, B. (2024). Artificial intelligence (AI) ethics in accounting. *Journal of Accounting, Ethics & Public Policy*, 25(1), 67. <https://doi.org/10.60154/jaepp.2024.v25n1p67>
- Stancheva-Todorova, E. P. (2018). How artificial intelligence is challenging the accounting profession. *Journal of International Scientific Publications: Economy & Business*, 12, 126–141. <https://www.scientific-publications.net/en/article/1001725/>
- Yi, Z., Cao, X., Chen, Z., & Li, S. (2023). Artificial intelligence in accounting and finance: Challenges and opportunities. *IEEE Access*, 11, 129100–129123. <https://doi.org/10.1109/ACCESS.2023.3333389>
- Zhang, C., Zhu, W., Dai, J., Wu, Y., & Chen, X. (2023). Ethical impact of artificial intelligence in managerial accounting. *International Journal of Accounting Information Systems*, 49, 100619. <https://doi.org/10.1016/j.accinf.2023.100619>